

VIA TEOLÓGICA

Volume 26 – Número 51 – jun./2025
ISSN 2526-4303

ECOS DAS ESCRITURAS: A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA NAS PARÁBOLAS DE JESUS

ECHOES OF SCRIPTURE: BIBLICAL INTERTEXTUALITY
IN THE PARABLES OF JESUS

Me. Carlos Kleber Maia



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

ECOS DAS ESCRITURAS: A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA NAS PARÁBOLAS DE JESUS

ECHOES OF SCRIPTURE: BIBLICAL INTERTEXTUALITY IN THE PARABLES OF JESUS

Me. Carlos Kleber Maia¹

¹ Mestre em Teologia (FABAPAR) e Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FTBP), pastor da Igreja Assembleia de Deus. E-mail: ckmaia@hotmail.com.

RESUMO

O presente artigo explora a intertextualidade bíblica nas parábolas de Jesus, demonstrando como o Mestre emprega imagens, temas e alusões do Antigo Testamento para comunicar verdades espirituais de forma acessível a seus ouvintes, que eram conhecedores das Escrituras Hebraicas. A pesquisa examina como essa intertextualidade não apenas esclarece as Escrituras, mas também revela a continuidade da revelação divina, reinterpretando os textos da antiga aliança à luz do Reino de Deus. Por serem narrativas que ecoam temas, símbolos e alusões veterotestamentárias, as parábolas de Jesus ficaram guardadas na memória de seus leitores, enriquecendo o significado e o impacto de suas histórias. Através da análise de exemplos como a parábola da Vinha de Isaías e a parábola do Filho Pródigo, o estudo destaca como Jesus dialoga com as narrativas patriarcais e a tradição profética, desafiando interpretações aculturais e redefinindo a relação entre Deus e a humanidade. O artigo conclui que a intertextualidade nas parábolas é essencial para compreender a profundidade dos ensinamentos de Cristo e a unidade do grande drama da redenção revelado na Escritura, convidando a uma reflexão sobre a unidade das Escrituras e a forma como Cristo comunicou a verdade eterna de maneira transformadora.

PAÍAVRAS-CHAVE

Intertextualidade. Parábolas de Jesus. Antigo Testamento. Reino de Deus. Escrituras Hebraicas. Narrativas Patriarcais.

ABSTRACT

This article explores biblical intertextuality in Jesus' parables, demonstrating how the Master uses Old Testament imagery, themes, and allusions to communicate spiritual truths in a way that was accessible to his listeners, who were familiar with the Hebrew Scriptures. The research examines how this intertextuality not only clarifies Scripture but also reveals the continuity of divine revelation, reinterpreting the texts of the Old Covenant in light of the Kingdom of God. Because they are narratives that echo Old Testament themes, symbols, and allusions, Jesus' parables remained in the memory of their readers, enriching the meaning and impact of their stories. Through the analysis of examples such as Isaiah's parable of the Vineyard and the parable of the Prodigal Son, the study highlights how Jesus dialogues with patriarchal narratives and the prophetic tradition, challenging acultural interpretations and redefining the relationship between God and humanity. The article concludes that intertextuality in parables is essential to understanding the depth of Christ's teachings and the unity of the great drama of redemption revealed in Scripture, inviting reflection on the unity of Scripture and the way Christ communicated eternal truth in a transformative way.

KEYWORDS:

Intertextuality. Parables of Jesus. Old Testament. Kingdom of God. Hebrew Scriptures. Patriarchal Narratives.

INTRODUÇÃO

As palavras de Jesus ressoam ao longo dos séculos como expressões de sabedoria divina, carregadas de significado teológico e espiritual. Entre os diferentes estilos de ensino que Ele utilizou, as parábolas se destacam como um dos mais marcantes. Com histórias simples, mas profundas, essas narrativas figuradas comunicam verdades eternas sobre o Reino de Deus de forma acessível e impactante.

O uso de parábolas é uma das grandes marcas do ensino de Jesus Cristo, e a sua principal forma de exposição dos “mistérios do Reino de Deus” (Mt 13.11), aos seus discípulos e às multidões que o seguiram. Cerca de um terço do seu ensino foi apresentado sob esta forma literária (Osborne, 2009, p. 372).

No entanto, as parábolas de Jesus não surgem de um vácuo literário ou teológico. Elas estão inseridas em uma linha de conexão com o Antigo Testamento e com as tradições judaicas do Segundo Templo. Essas relações intertextuais ajudam a compreender melhor o significado das parábolas e o impacto que elas tiveram sobre seus primeiros ouvintes.

O conceito de intertextualidade, desenvolvido por estudiosos da literatura, nos ajuda a perceber como diferentes textos se conectam, enriquecendo seu significado. No caso das parábolas, essa intertextualidade se manifesta em referências a textos proféticos, figuras, temas e narrativas presentes nos escritos do Antigo Testamento. Jesus utiliza imagens simbólicas das narrativas patriarcais, da literatura profética e sapiencial, reinterpretando-as à luz da chegada do Reino de Deus.

A intertextualidade bíblica é o fenômeno pelo qual textos das Escrituras dialogam entre si, estabelecendo conexões temáticas, linguísticas e teológicas entre diferentes partes da Bíblia. Esse conceito implica que as passagens bíblicas não existem isoladamente, mas frequentemente evocam, reinterpretam e aprofundam significados já presentes em textos anteriores.

No caso das parábolas de Jesus, a intertextualidade se manifesta quando Ele emprega imagens, temas e alusões do Antigo Testamento para comunicar verdades espirituais de maneira acessível a Seus ouvintes, posto que eram conhecedores dos textos veterotestamentários.

Por meio desse recurso, Jesus não apenas esclarece as Escrituras, mas também revela a continuidade da revelação divina, reinterpretando os princípios da Lei e dos Profetas à luz do Reino de Deus. Assim, compreender a intertextualidade nas parábolas permite captar suas nuances, identificar ecos das Escrituras hebraicas e perceber como Jesus posiciona Seu ensino dentro da tradição profética e sapiencial de Israel.

Essa dinâmica não apenas confirma a continuidade entre as Escrituras, mas também desafia interpretações aculturais. Ao citar, evocar ou modificar textos anteriores, Jesus ensina e, ao mesmo tempo, redefine o entendimento da relação entre Deus e a humanidade. Seu método pedagógico torna as verdades espirituais mais acessíveis, utilizando narrativas que capturam a atenção e provocam reflexão.

Estudar a intertextualidade nas parábolas de Jesus é um caminho enriquecedor para compreender melhor seus ensinos. Esta análise nos ajuda a perceber como Ele dialoga com as Escrituras, levando-nos a reconhecer a profundidade das palavras de Cristo e a unidade do grande drama da redenção revelado na Escritura.

I. AS PARÁBOLAS USAVAM ELEMENTOS CONHECIDOS DOS OUVINTES

Um aspecto marcante das parábolas de Jesus reside no uso de elementos conhecidos dos ouvintes, oriundos do cotidiano: seja através das imagens da natureza, dos ritmos da vida comunitária judaica do primeiro século ou das remanescentes memórias dos relatos bíblicos, que formavam a base da identidade e da cultura do povo. Essa estratégia comunicativa não só facilitava a compreensão imediata da mensagem, mas também aprofundava o impacto teológico e emocional, conectando o espiritual ao terreno da experiência humana.

Na formulação de suas elucocoções parabólicas, Jesus fez uso de diversos textos do Antigo Testamento, de forma explícita ou não, adaptando o texto veterotestamentário de acordo com os seus propósitos, para envolver o ouvinte e levá-lo a refletir e aplicar a mensagem da parábola à sua vida.

As parábolas fazem uso de elementos conhecidos dos ouvintes para, por comparação, esclarecer ou estabelecer conceitos ainda não alcançados por eles. Young (1998, p. 172-173) afirma que a parábola, o *māšhāl*, “define o desconhecido usando o que é conhecido. A parábola começa onde o ouvinte está, mas depois avança para um novo reino de descoberta”.

O conceito de parábola apresenta, como características mais destacadas, ser uma história que usa uma linguagem figurada e que, por meio de uma comparação que envolva toda a narrativa e utilize elementos conhecidos dos interlocutores, almeja levá-los a conhecer verdades profundas que devem ser aplicadas às suas vidas (Maia, 2022, p. 23).

As parábolas são uma forma de comunicação indireta, que usam uma imagem tirada da natureza ou da vida comum para esclarecer uma verdade. No dizer de um poeta, “são jardins imaginários que contém sapos de verdade” (Snodgrass, 2011, p. 33). É uma história tomada da vida real (ou uma situação da vida real), da qual se extrai uma verdade moral ou espiritual (Boice, 2017, p. 14).

São usadas para atrair os ouvintes, despertar seu raciocínio e estimular uma ação da pessoa em relação a Deus. Elas usam a comparação entre o conhecido e o desconhecido, onde “o próprio ouvinte deve descobrir a semelhança (geralmente não mencionada, a fim de colocar em ação os processos mentais do ouvinte de compreender, comparar, considerar), chega-se ao ponto essencial da analogia” (Kunz, 2018, p. 18).

Pode-se observar que as parábolas apresentam três elementos essenciais em sua constituição: “um ponto de contato com a realidade do ouvinte, a resposta (ou reação) do ouvinte, e um conjunto de temas teológicos inter-relacionados” (Brown; Coenen, 2000, p. 1570). Jesus partia do conhecimento que já era dominado pelos seus ouvintes, e usando uma linguagem que estimulava a reflexão, apresentava um conceito teológico que exigia uma reação deles.

Jesus recorreu ao uso dos elementos materiais conhecidos dos seus ouvintes. Numa cultura pesqueira e agrícola, ele falou de redes, peixes e semeadores. Porém, o Mestre também conhecia a reminiscência das Escrituras do Antigo Testamento, presentes na cultura judaica, e fez uso destes textos em suas parábolas.

2. JESUS USOU O TEXTO DO ANTIGO TESTAMENTO NAS PARÁBOIAS

Dentre os elementos conhecidos dos ouvintes, o Mestre utilizou-se de textos proféticos significativos, estudados amplamente pelos líderes religiosos de seu tempo. O texto do profeta Isaías, notadamente, ocupava um lugar de destaque no cânon das Escrituras Hebraicas e era profundamente reverenciado pelos escribas judeus no primeiro século. Este texto foi amplamente citado no Novo Testamento, tanto pelos apóstolos como pelo Senhor Jesus.

O Mestre usa a obstinação da geração de Isaías para explicar por que pregou por meio de parábolas e a sua mensagem não foi recebida pelos ouvintes (Mt 13.13-15; Is 6.9,10) (Dillard; Longman III, 2006, p. 271). O Mestre usou o texto do profeta para fornecer a razão para a sua missão e adaptou uma parábola de Isaías para construir algumas de suas narrativas.

2.1 O USO DA PARÁBOIA DA VINHA DE ISAÍAS NA PARÁBOLA DOS LAVRADORES MAUS

A Parábola (ou canção) do Vinhateiro, contada pelo profeta Isaías de Jerusalém (Is 5.1-7) é um dos textos utilizados pelo Mestre para alcançar a sua audiência, ao narrar as suas parábolas. O texto desta parábola, em forma de canto, apresentado pelo profeta como uma canção de amor (SICRE, 1996, p. 145), se encontra em Isaías 5.1-7, como segue:

¹“Agora cantarei ao meu amado o seu cântico a respeito da sua vinha. O meu amado teve uma vinha numa colina fértil. ² Ele cavou a terra, tirou as pedras e plantou as melhores mudas de videira. No meio da vinha ele construiu uma torre e fez também um lagar. Ele esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas. ³ “E agora, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá, peço que julguem entre mim e a minha vinha. ⁴ Que mais se podia fazer à minha vinha, que eu não lhe tenha feito? E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas?”. ⁵ “E agora lhes darei a conhecer o que pretendo fazer com a minha vinha: vou tirar a cerca que está ao redor, para que a vinha sirva de pasto; derrubarei o seu muro, para que ela seja pisoteada. ⁶ Farei dela um lugar abandonado; não será podada, nem cavada, mas crescerão nela espinheiros e ervas daninhas. Também darei ordem às nuvens para que não derramem chuva sobre ela.” ⁷ Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta preferida do Senhor. Este esperava retidão, mas eis aí opressão; esperava justiça, mas eis aí clamor por causa da injustiça” (BÍBLIA, Isaías 5.1-7, 2017, p. 993).

O profeta Isaías, nesta parábola, compara a nação de Israel com uma vinha infrutífera, “representando os grandes favores que Deus lhes tinha concedido, o desapontamento das expectativas do Senhor por parte deles, e a destruição que eles mereceram por isso” (Hnery, 2010, p. 24). O direcionamento desta acusação à nação, porém, não estará evidente nos primeiros versos da canção, como estratégia de comunicação do profeta.

A colheita das uvas acontecia na época da festa das cabanas, ocasião na qual Isaías pode ter convidado o povo a ouvir seu cântico. Nele, o profeta conta que a vinha desse amigo é muito favorecida tanto pela natureza como pela perícia humana: está situada em uma encosta ensolarada e em solo fértil, foi cuidada primorosamente, protegida e recebeu construções necessárias para seu funcionamento pleno. Os detalhes

não são alegorizados, mas “pintam a imagem de uma obra completa, não deixando nada para fazer” (Motyer, 2016, p. 88).

Apenas no final da canção, ao dizer que o proprietário ordenará às nuvens que não façam chover sobre a vinha (v. 6), é que o profeta indica que o seu amigo é mais do que humano, é o Deus de Israel, e a nação é a sua vinha.

A parábola dos Lavradores dos Lavradores Maus, também intitulada de Parábola dos Lavradores Homicidas, Parábola do Nobre Proprietário da Vinha e seu Filho (Bailey, 2016, p. 410) ou Parábola do Viticultor e do Herdeiro (Lockyer, 1999, p. 255), encontra-se em Mt 21.33-46, com relatos paralelos em Mc 12.1-12 e Lc 20.9-19. Será utilizado, como base, o texto mateano, como a seguir retratado:

³³ “Escutem outra parábola. Havia um homem, dono de terras, que plantou uma vinha. Pôs uma cerca em volta dela, construiu nela um lagar, edificou uma torre e arrendou a vinha a uns lavradores. Depois, ausentou-se do país.³⁴ Quando chegou o tempo da colheita, o dono da vinha mandou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que cabiam a ele.³⁵ Mas os lavradores, agarrando os servos, espancaram um, mataram outro e apedrejaram ainda outro.³⁶ O dono enviou ainda outros servos em maior número; e os lavradores fizeram a mesma coisa com eles.³⁷ Por último, o dono da vinha enviou-lhes o seu próprio filho, pensando: “O meu filho eles respeitarão”.³⁸ Mas os lavradores, vendo o filho, disseram uns aos outros: “Este é o herdeiro; venham, vamos matá-lo e ficar com a herança dele para nós”.³⁹ E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram.⁴⁰ Quando, pois, vier o dono da vinha, que fará àqueles lavradores?⁴¹ Eles responderam: — Fará perecer horrivelmente aqueles malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe entregará os frutos no tempo certo.⁴² Então Jesus perguntou: — Vocês nunca leram nas Escrituras: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a pedra angular. Isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos”?⁴³ — Portanto, eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.⁴⁴ Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.⁴⁵ Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que Jesus falava a respeito deles;⁴⁶ e, embora quisessem prendê-lo, tinham medo das multidões, porque estas o consideravam como profeta” (Bíblia, Mateus 21.33-46, 2017, p. 1414).

Esta parábola faz parte de uma seção homogênea onde encontramos mais duas parábolas: a Parábola dos Dois Filhos (Mt 21.28-32) e a do Banquete de Casamento (Mt 22.1-14), todas elas foram apresentadas no ministério de Jesus em Jerusalém, e estão relacionadas a um intenso conflito com as autoridades judaicas, nas quais o Senhor denuncia seus pecados e promulga a sua inevitável condenação.

Na parábola dos Lavradores Maus estão presentes diversos elementos extraídos da Parábola do Vinhateiro. O elemento central da canção do profeta é a vinha, que representa a nação de Israel; a mensagem principal é que Deus exige a produção de frutos adequados, diante de tudo o que Ele fez por sua vinha, Israel. Para diversos autores, a parábola de Cristo está claramente baseada no texto do Antigo Testamento (Hendriksen, 2010, p. 344; Carson, 2010, p. 525; Bailey, 2016, p. 414).

Contudo, o Mestre faz uma adaptação, para alcançar o seu público: os líderes religiosos da nação israelita. Jesus insere um novo elemento: o dono da vinha plantou-a e ausentou-se. Isto permite ao parabolista inserir novas personagens na parábola: os lavradores que administraram a vinha (os acusados). O proprietário esperava receber o fruto da sua vinha, mas é frustrado, pois os vinhateiros, em lugar de prestar contas do que estava sob seus cuidados, espancam os servos e mandam-nos de volta de mãos vazias.

O proprietário compassivo, agindo com extrema nobreza, faz uma última tentativa: em vez de enviar alguém para prender ou castigar estes homens, envia seu filho, sozinho e desarmado, preferindo a vulnerabilidade à ira gerada pela injustiça. Jesus retrata um Deus “que ama além da medida e é compassivo quando tem todo o direito de ser severo” (Kunz, 2014, p. 178).

Os arrendatários da vinha, porém, reagem com desprezo, violência e cobiça (querem a herança para si), levam o filho para fora da vinha, para o sangue não contaminar as uvas (Bailey, 2016, p. 419), e ali o matam.

Na conclusão da parábola, Jesus não pergunta: “Que podia ser feito?”, mas lança a questão para seus ouvintes: “Que fará o dono da vinha àqueles lavradores?”. Seus interlocutores, sem cuidar que falava deles mesmos, dão a sentença da sua autocondenação: “Fará perecer horrivelmente aqueles malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe entregará os frutos no tempo certo”.

Na explicação da parábola, Cristo revela quem são os verdadeiros acusados, os líderes religiosos de Israel. Depois, Jesus proclamará diversos “ais”, anunciando os erros cometidos por estes religiosos, que os levaram à condenação anunciada na parábola (Mt 23.13-36).

A parábola de Isaías mostra que Deus tratou Israel com graça abundante: cuidou, protegeu, deu-lhes tudo o que era necessário para que eles correspondessem favoravelmente, praticando a justiça que Ele requeria. Na parábola de Cristo, há uma graça ainda mais abundante sendo revelada, no amor e na longanimidade de Deus em enviar Seu Filho, em vulnerabilidade, em lugar de aplicar imediatamente o castigo requerido por sua justiça. “No Cântico da Vinha, Isaías predisse a destruição da vinha bem antes de Jerusalém cair. Mas a parábola de Jesus é muito mais suave que seu protótipo” (Bailey, 2016, p. 422).

A profecia de Isaías é contra a nação; a de Jesus é contra a liderança religiosa, que, além de não atender às expectativas de Deus quanto ao seu fruto (que devem ser os mesmos de Isaías), rejeitam o Filho enviado pelo Senhor. Jesus oferece graça, mas também juízo, como o faz também em outras parábolas (Lc 14.24; 19.27; 13.9).

As duas parábolas classificam-se como jurídicas, onde os próprios ouvintes interagem com o cantador ou contador da história, condenando a si mesmos, pelos seus pecados, que será descrito em seguida, na forma de “ais”. Estas parábolas provocaram em seus ouvintes uma avaliação negativa das suas próprias ações.

Ambas as narrativas mostram graça e juízo, confiança e responsabilidade, iniciativa graciosa por parte de Deus e a necessidade de prestação de contas por parte dos homens. Isaías, em seu texto, fala do amor do Senhor dos Exércitos por Israel. A parábola de Mateus apresenta o amor de Deus por todo o mundo, revelado na morte de Cristo.

2.2 O USO DA PARÁBOLA DA VINHA DE ISAÍAS NA PARÁBOLA DA FIGUEIRA ESTÉRIL

Na parábola da Figueira Estéril, presente no evangelho de Lucas (Lc 13.6-9), o Mestre se utiliza, também, dos elementos da parábola de Isaías, inserindo informes que o permitem direcionar a sua mensagem ao público desejado: cada ouvinte em particular, dentre a multidão e a liderança religiosa. Com este propósito, Jesus acrescentou uma figueira plantada no meio da vinha, que enfoca a avaliação individual e não apenas o grupo. O relato lucano se apresenta como segue:

⁶ E Jesus contou a seguinte parábola: — Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e, vindo procurar fruto nela, não achou.⁷ Então disse ao homem que cuidava da vinha: “Já faz três anos que venho procurar fruto nesta figueira e não encontro nada. Portanto, corte-a! Por que ela ainda está ocupando

inutilmente a terra?”.⁸ Mas o homem que cuidava da vinha respondeu: “Senhor, deixe-a ainda este ano, até que eu escave ao redor dela e ponha estrume.⁹ Se vier a dar fruto, muito bem. Se não der fruto, o senhor poderá cortá-la (Lc 13.6-9).

Considerando-se que o Mestre estivesse contando esta parábola usando Isaías 5.1-7 como um pano de fundo, ele “exorta seus ouvintes a não demorarem a se arrepender e a viverem de modo produtivo, pois Deus, que misericordiosamente retém o juízo no momento presente, não poupará os que se recusam a orientar o coração e a vida segundo os propósitos divinos” (BEALE; Carson, 2104, p. 417).

A mensagem central permanece a mesma: Deus espera que a árvore produza frutos, mas a busca por eles é frustrada, mesmo sendo a época propícia para isto. A figueira improdutiva representa não apenas Israel, mas também qualquer pessoa que, tendo recebido as bênçãos ou os recursos de Deus, permanece estéril (Lopes, 2024, p. 58).

No Antigo Testamento, a planta infrutífera recebia o juízo divino. Jesus oferece a misericórdia, a graça. A intertextualidade entre a Parábola da Vinha de Isaías (Is 5.1-7) e a Parábola da Figueira Estéril (Lc 13.6-9) revela a continuidade do tema do juízo divino e a responsabilidade da aliança entre Deus e seu povo.

A imagem da vinha, utilizada por Isaías para simbolizar Israel, retrata um povo que, apesar de ter recebido todos os cuidados divinos, falhou em produzir frutos de justiça. Essa crítica profética ressurge na parábola de Jesus, agora sob a figura da figueira plantada na vinha, que remete à avaliação individual, quanto a produzir os frutos que Deus espera de cada um.

A parábola da Figueira Estéril acrescenta um elemento crucial à reflexão de Isaías: a intercessão do vinhateiro. Em Isaías, o agricultor decide remover a vinha improdutiva, indicando que o tempo da paciência divina terminou. Já em Lucas, a intervenção do vinhateiro sugere um período adicional de graça. O dono da vinha é Deus; a vinha representa integrantes do Seu povo, e o diálogo entre o dono e o vinhateiro pode representar um hipotético diálogo entre os atributos divinos: a justiça e a misericórdia.

O simbolismo é marcante: a vinha continua improdutiva, mas recebe mais uma oportunidade antes do corte definitivo. Este detalhe não apenas reforça a longanimidade de Deus, mas também amplia a responsabilidade de Israel – e, por extensão, de todo aquele que ouve a mensagem do evangelho.

Para os ouvintes de Jesus no primeiro século, essa parábola tinha implicações urgentes. O chamado ao arrependimento era uma advertência direta ao povo judeu, especialmente à liderança religiosa que, tal como a vinha de Isaías, falhava em produzir os frutos esperados por Deus. A iminência do juízo e a necessidade de conversão estavam presentes na pregação de João Batista (Mt 3.10) e se intensificavam nos ensinos de Jesus, que apontava para o risco de rejeitar a última oportunidade de graça antes da chegada do julgamento divino.

Para os leitores contemporâneos, a mensagem da parábola permanece atual e desafiadora. O texto convida cada geração a refletir sobre sua resposta à paciência divina. A intercessão do vinhateiro sugere que Deus estende sua misericórdia, mas também estabelece um limite para sua paciência. O chamado ao arrependimento não pode ser adiado indefinidamente, pois o tempo da graça tem um propósito: conduzir ao fruto espiritual.

Assim, a conexão entre Isaías e Lucas ressalta um princípio essencial da teologia do Novo Testamento: a graça precede o juízo, mas não o anula. Se a vinha de Isaías já estava condenada, a figueira de Jesus ainda tem uma última chance. Esse intervalo representa o momento presente, o tempo de decisão no qual cada um deve responder ao chamado divino antes que o machado seja posto à raiz (Lc 3.9).

A advertência de Jesus continua a ecoar para os ouvintes de hoje: diante do favor imerecido de Deus, a única resposta legítima é uma vida frutífera em justiça e arrependimento, proporcionada pela graça de Deus.

3. ECOS DAS NARRATIVAS PATRIARCAIS NA PARÁBOA DO FILHO PRÓDIGO

Na parábola do Filho Pródigo, uma das narrativas mais belas e mais conhecidas do Senhor Jesus, encontrada no texto de Lucas (Lc 15.11-32), podemos encontrar elementos que remetem a atenção dos ouvintes às narrativas dos patriarcas, presentes no relato de Gênesis.

Esta parábola revela-se não apenas como uma história de arrependimento e reconciliação, mas como um tecido rico em referências e símbolos profundamente enraizados na tradição judaica. Jesus, ao contar essa narrativa, dialogava com as memórias coletivas de seu público, evocando elementos que iam além de simples relatos históricos das biografias patriarcais de Gênesis.

Quando Jesus contou as parábolas registradas em Lucas 15, um grupo especial de ouvintes acompanhou atento a sua fala: os escribas (Lc 15.2). A este grupo pertenciam estudiosos das Escrituras Judaicas, que copiavam os manuscritos com muita atenção e estavam perfeitamente familiarizados com o seu conteúdo. Estes estudiosos certamente poderiam perceber as referências diretas ou indiretas às narrativas patriarcais, habilmente inseridas pelo Mestre Parabolista em sua elocução.

É possível enxergar algumas conexões entre a Parábola do Filho Pródigo e as histórias dos patriarcas de Israel, encontradas em Gênesis, capítulos 12 a 50, examinando como Jesus, ao contar essa história, evoca temas, símbolos e padrões familiares para um público imerso nas Escrituras Hebraicas.

Snodgrass (2011, p. 198-199) cita alguns autores que encontraram paralelos entre esta parábola e as narrativas patriarcais e reconhece que, embora nenhum texto específico, nem qualquer agrupamento de textos, proporcionem o contexto definitivo para esta parábola, afirma que a sua compreensão é melhorada pelo conhecimento das histórias convencionais e dos temas veterotestamentários.

3.1 ABRAÃO: O PAI ARQUÉTIPO

Abraão é o pai arquétipo (Gn 17.5), considerado pai de todos os judeus, e é o único homem idoso do Antigo Testamento que correu ao encontro de alguém (Gn 18.2). Na verdade, é o primeiro personagem da Bíblia que é retratado correndo. Abraão é a única pessoa do Antigo Testamento que reparte a sua herança em vida (Gn 25.5,6), conforme destaca Williams (2024, p. 67), mas o Pai da parábola de Jesus divide os bens, enquanto Abraão deixa os bens para o filho amado e dá presentes aos outros, mostrando generosidade mais abundante do que a que foi oferecida pelo pai da nação israelita.

3.2 JOSÉ: O FILHO PERDIDO QUE FOI ENCONTRADO

A história de José (Gn 37-50) apresenta múltiplas imagens que podem ter conexões com a parábola do filho pródigo:

- a. **O Anel e a Túnica:** Quando o pai recebe o filho mais novo de volta, ele lhe dá um anel e uma túnica nova (Lc 15.22). Isso poderia remeter a José, que recebe uma túnica especial de seu pai Jacó (Gn 37.3) e, mais tarde, uma roupa nova e um anel do faraó como símbolo de sua nova posição (Gn 41.42). Williams (2024, p. 58) afirma que este texto e o de Lc 15.22 são os únicos textos da Bíblia que fazem referência a entrega de um anel e de uma roupa especial, como também são as duas únicas referências históricas da Bíblia em que alguém é transformado de maneira instantânea, e de forma duradoura, de mendigo em rico.

- b. **A Grande Fome:** Na parábola, o filho pródigo sofre uma fome severa (Lc 15.14), o que poderia ecoar a fome que levou os irmãos de José ao Egito (Gn 41.54-57).
- c. **Os Irmãos de José:** Quando José é honrado por seu pai, seus irmãos o invejam e rejeitam (Gn 37.4). O mesmo acontece na parábola: o irmão mais velho recusa-se a celebrar o retorno do mais novo, ressentindo-se da graça paterna (Lc 15.28-30).
- d. **O Pai Pensava Que o Filho Estava Morto:** Jacó acreditava que José estava morto, mas depois descobre que ele vive (Gn 45.26). Da mesma forma, o pai na parábola declara: “Este meu filho estava morto e reviveu” (Lc 15.24).
- e. **Paralelo Temático:** O retorno do filho pródigo pode representar um eco da jornada de José, que passa de rejeitado a exaltado, do exílio ao reencontro com o pai. Esta narrativa é significativa para a nação israelita, pois representa um momento de cumprimento das promessas de Deus a Abraão, na formação do seu povo. A história de José é, também, uma história sobre relacionamento entre irmãos e sobre perdão.

3.3 JACÓ E ESAÚ: O CONFLITO DOS IRMÃOS E O PERDÃO SURPREENDENTE

A história de Jacó e Esaú (Gn 25-33), os filhos de Abraão, de quem se originam as tribos de Israel, apresenta uma dinâmica que remete à que encontramos na parábola:

- a. **Dois Filhos e a Herança:** A parábola começa com “um homem tinha dois filhos” (Lc 15.11), evocando a lembrança de Isaque, o patriarca reconhecido por ter tido dois filhos (apenas dois), Jacó e Esaú (Williams, 2024, p. 47). Na história de Gênesis, Jacó engana Esaú e toma sua bênção, alterando a ordem esperada da herança (Gn 27). Na parábola, o filho mais novo pede sua parte da herança prematuramente, algo que subverte a tradição familiar. Esaú se ressente por perder sua bênção (Gn 27.41), assim como o irmão mais velho na parábola sente que sua fidelidade foi ignorada.
- b. **O Filho Mais Novo Vai Para Uma Terra Distante:** Jacó foge para uma terra distante para escapar da fúria de Esaú (Gn 27.43), assim como o filho pródigo parte para um país distante (Lc 15.13). Na narrativa do Antigo Testamento, Esaú é o filho mais velho que chega do campo quando a comida está preparada (Gn 25.29).
- c. **O Trabalho com Animais:** Jacó trabalha cuidando de rebanhos para Labão (Gn 30.25-43), assim como o filho pródigo acaba cuidando de porcos (Lc 15.15), uma situação mais degradante, por ser um animal considerado imundo, pela Lei Mosaica.
- d. **O Retorno e a Surpresa:** Quando Jacó retorna, ele espera a ira de Esaú, mas Esaú surpreendentemente corre ao seu encontro, o abraça e o beija (Gn 33.4). Na parábola, a grande reviravolta ocorre porque, em vez do irmão mais velho ser o primeiro a perdoar, é o pai que corre, abraça e beija o filho pródigo (Lc 15.20).
- e. **Paralelo Temático:** Jesus transforma a história de Jacó e Esaú ao mostrar que, desta vez, a reconciliação vem do pai e não do irmão mais velho, destacando a graça divina, mais do que a complacência humana. No texto do Gênesis, Esaú corre ao encontro do irmão mais novo, o abraça e beija (Gn 33.4). Na narrativa de Lucas, é o Pai quem corre e abraça o filho que retornou para casa; porém, Jesus parece indicar que o irmão mais velho deveria agir deste modo, como aconteceu na história patriarcal. Esaú tinha motivos para estar irado, mas recebe o irmão afetuosamente.

Williams (2024, p. 53) levanta a seguinte questão: “Se até mesmo uma pessoa como Esaú, que no passado havia planejado matar o irmão, era capaz de aceitá-lo de volta, quanto mais o filho mais velho deveria acolher o irmão?”.

Podemos perceber que, no âmago da parábola, encontram-se referências diretas às histórias dos patriarcas – Abraão, Isaque, José, Jacó e Esaú – cujas narrativas configuravam a identidade do povo hebreu. A figura de José, como vimos, ressurge na experiência do filho pródigo, que passa da rejeição e do exílio à restauração e à reintegração familiar. Essa analogia reforça a ideia de que a redenção está intimamente ligada à reconciliação e à valorização de uma identidade que transcende as falhas humanas.

Da mesma forma, o conflito e a reconciliação entre Jacó e Esaú ecoam na dinâmica familiar apresentada na parábola. A estrutura familiar – com dois filhos e uma herança disputada – remete diretamente ao episódio bíblico em que as relações entre irmãos são marcadas por rivalidades e, simultaneamente, pela possibilidade de perdão e reconciliação. A inversão dos papéis, onde o pai assume o protagonismo do perdão em vez do irmão mais velho, subverte as expectativas tradicionais e introduz uma nova leitura teológica: a do amor incondicional e transformador do Pai celestial.

Os símbolos presentes na parábola do Filho Pródigo – como o anel e a túnica – assumem um novo significado na comunicação da mensagem de redenção. Esses elementos, que remetem à história de José, carregam consigo a ideia de transformação e renovação. O anel, que historicamente representa autoridade e reconhecimento, e a túnica, que simboliza a nova identidade conferida ao filho reencontrado, evidenciam a intenção de mostrar que a volta à família não é um simples retorno, mas uma reconstrução integral do ser, marcada pela dignificação e pelo amor restaurador.

Além disso, os gestos do pai – correr ao encontro do filho, abraçá-lo e beijá-lo – não são meros atos de emoção, mas declarações teológicas profundas. Eles representam a aceitação incondicional e a ruptura com a lógica de exclusão e julgamento. Em um contexto em que a honra e a reputação eram valores supremos, esse gesto de humildade e generosidade redefine a noção de poder e autoridade, colocando a graça divina como o verdadeiro motor da transformação.

Ao reinterpretar as narrativas patriarcais à luz do contexto judaico, Jesus apresenta uma parábola que vai muito além de um simples conto moral. Ela se configura como uma crítica à rigidez dos valores tradicionais e uma proposta de um amor que acolhe todas as formas de retorno, mesmo aquelas marcadas por erros e distanciamento. A influência do contexto judaico, com suas ricas tradições simbólicas e narrativas, permite que a mensagem do Filho Pródigo se desdobre em múltiplas camadas, onde cada gesto e cada símbolo reverbera com o eco de uma história coletiva de perda e reencontro.

Dessa forma, a parábola não apenas convida os ouvintes a refletirem sobre o perdão e a reconciliação, mas também os desafia a repensar suas próprias concepções de justiça e autoridade, abrindo caminho para uma compreensão mais profunda e inclusiva da graça divina.

A história ressoa com a audiência judaica, que reconheceria essas referências e compreenderia que a mensagem final não era apenas sobre um filho rebelde, mas sobre um Pai que recebe de volta aqueles que estavam perdidos, independentemente do julgamento dos outros.

Em última análise, a narrativa se revela como um convite à transformação pessoal e comunitária, ancorada na tradição e, ao mesmo tempo, revolucionária em sua proposta de um novo paradigma de amor e misericórdia.

4. O CONTEXTO JUDAICO COMO CHAVE HERMENÉUTICA

Na história da interpretação bíblica, a percepção de Jesus sobre o Antigo Testamento tem sido fator orientador em todos os períodos. A igreja tem consciência do que se percebeu ser o método de Jesus de abordar a continuidade entre os Testamentos (Feinberg, 2013, p. 33).

Para os ouvintes judeus, profundamente familiarizados com os relatos das Escrituras Hebraicas, os símbolos e metáforas presentes nas parábolas de Jesus adquiriam uma dimensão multifacetada. A referência, direta ou indireta, ao Antigo Testamento evocava autoridade, e a sua adaptação envolvia o público pretendido.

As parábolas que remetem ao simbolismo da vinha que representa Israel evoca a autoridade de Cristo, como Juiz que aplica o juízo divino aos que não respondem favoravelmente aos oferecimentos da graça (At 17.31), mas destaca a sua misericórdia e paciência em favor daqueles a quem este favor é oferecido.

Essa intertextualidade não apenas ressalta a continuidade entre os profetas e a mensagem de Jesus (IPe 3.2), mas também esclarece o caráter escatológico da advertência de Cristo. O juízo descrito em Isaías 5 se manifesta, nas parábolas, como a retirada da vinha das mãos dos lavradores indignos e sua entrega a outros que produzirão frutos, ou a arrancada e queima da árvore infrutífera. Essa é uma clara referência ao futuro julgamento, quanto à rejeição ou aceitação do Filho rejeitado.

O uso de símbolos como o anel e a túnica, e dos gestos paternos na parábola do Filho Pródigo não era apenas uma construção narrativa, mas uma invocação aos ícones que representavam a identidade, a honra e a restauração. Ao evocar essas imagens, Jesus estabelecia um diálogo direto com a memória cultural e religiosa de seu público, permitindo que a mensagem da graça divina se desdobrasse em camadas de significado que iam além da literalidade do texto.

O contexto judaico, com sua tradição rica e simbólica, torna-se uma lente interpretativa essencial para compreender a parábola. A familiaridade com as histórias dos patriarcas permite que o público veja, não somente a história de um filho perdido e reencontrado, mas também a reconciliação dos traumas e das rivalidades que marcaram a experiência coletiva. Dessa maneira, a narrativa se transforma em um espelho da própria história do povo, onde o arrependimento e o perdão são necessários para a restauração da identidade e da comunidade.

Dessa forma, o contexto judaico e a tradição profética são importantes para a compreensão das parábolas de Jesus. Sem essa perspectiva, corremos o risco de reduzi-las a simples ilustrações morais, ignorando sua dimensão teológica e escatológica. A intertextualidade com textos do Antigo Testamento amplia nossa percepção da mensagem de Cristo, revelando a profundidade de Seu ensino e sua continuidade com a revelação anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intertextualidade presente nas parábolas de Jesus revela uma rica conexão entre Seu ensino e as Escrituras do Antigo Testamento. Suas narrativas não apenas ilustram princípios espirituais, mas também dialogam com textos sagrados anteriores, trazendo novas perspectivas e aprofundando a compreensão do Reino de Deus.

Ao identificar essas conexões, percebemos que Jesus não ensina de maneira isolada, mas insere Seu ministério dentro do grande plano redentor de Deus. Ele utiliza elementos conhecidos de Seu público para apontar verdades mais elevadas, reinterpretando e ampliando conceitos já estabelecidos na tradição judaica.

Esse fenômeno intertextual é essencial para a correta interpretação das parábolas. Não se trata apenas de histórias moralizantes, mas de mensagens que ecoam as Escrituras e convidam o ouvinte a um entendimento mais profundo da relação entre Deus e a humanidade. Ao reconhecer essas camadas de significado, tornamo-nos leitores mais atentos e discípulos mais conscientes.

Portanto, estudar a intertextualidade nas parábolas de Jesus é um convite a mergulhar na unidade das Escrituras. Esse estudo nos leva a enxergar a coerência da revelação divina e a admirar ainda mais a forma como Cristo comunicou a verdade eterna de maneira acessível e transformadora.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Eliezer Alves de. *A parábola dos vinhateiros homicidas de Mateus 21,33-46 à luz das ressonâncias de Isaías 5,1-7*. 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.
- BAILEY, Kenneth E. *As parábolas de Lucas*. 3. ed. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- BAILEY, Kenneth E. *Jesus Pela Ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os evangelhos*. Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- BEALE, G. K.; Carson, D. A. (org). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- Bíblia Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3.ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BOICE, James Montgomery. *Las Parábolas de Jesus*. Tradução de Editorial Patmos. Grand Rapids: Portavoz, 2017.
- BROWN, Colin; Coenen, Lothar (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CARSON, D. A. *O Comentário de Mateus*. Traduzida por Lena e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010.
- DILLARD, Raymond B.; LongmanIII, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- FEINBERG, John S. (org). *Continuidade e descontinuidade: perspectivas sobre o relacionamento entre o Antigo e o Novo Testamentos*. São Paulo: Hagnos, 2013.
- HENDRIKSEN, William. Mateus. Vol. 2. *Comentário do Novo Testamento*. Tradução de Valter G. Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Antigo Testamento: Isaías a Malaquias*. Tradução de Valdemar Kroker, Haroldo Janzen e Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- KUNZ, Clayton André. *Ações Parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos*. Curitiba: ADSantos, 2018.
- KUNZ, Clayton André. *As Parábolas de Jesus e seu Ensino Sobre o Reino de Deus: desvendando o mistério das 42 parábolas muito além do óbvio*. Curitiba: ADSantos, 2014.
- LOPES, Hernandes Dias. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Hagnos, 2024.

MAIA, Carlos Kleber. *As parábolas de Jesus e a resposta humana: uma análise a partir da soteriologia armíiana*. Joinville: Santorini, 2022.

MOTYER, J. Alec. *O Comentário de Isaías*. Tradução de Regina Aranha e Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2016.

OSBORNE, Grant R. *A Espiral hermenêutica*. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SICRE, José Luis. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Tradução de João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1996.

SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. Tradução de Marcelo S. Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

WILLIAMS, Peter J. *A surpreendente genialidade de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 2024.

YOUNG, Brad H. *The parables: Jewish Tradition and Christian Interpretation*. Kindle version. Grand Rapids: Baker Academic, 1998.